



vozes do imaginário

ESCULTORES DE SERGIPE





vozes do imaginário: ESCULTORES DE SERGIPE

sala do artista popular

S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

151
2009

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

MINISTRO DA CULTURA
Juca Ferreira

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E
ARTÍSTICO NACIONAL
Presidente | Luiz Fernando de Almeida

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Diretora | Márcia Sant'Anna

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA
POPULAR/CNFCP
Diretora | Claudia Marcia Ferreira

apoio

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE
Secretaria de Estado do Trabalho, da Juventude e
da Promoção da Igualdade Social
Programa Estadual do Artesanato Sergipano

realização



Sala do Artista Popular**RESPONSÁVEL**

Ricardo Gomes Lima

EQUIPE DE PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

César Baía, Marylia Dias e Sandra Pires

PESQUISA E TEXTO

Ricardo Gomes Lima e Sayonara Viana

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOSLucila Silva Telles
Ana Clara das Vestes (estagiária)**DIAGRAMAÇÃO**

Maria Rita Horta e Lígia Melges

FOTOGRAFIAS

Francisco Moreira da Costa

**PROJETO DE MONTAGEM E
PRODUÇÃO DA MOSTRA**

Luiz Carlos Ferreira

PRODUÇÃO DE TRILHA SONORA

Alexandre Coelho

V977 Vozes do imaginário : escultores em madeira de Sergipe / pesquisa e texto de Ricardo Gomes Lima e Sayonara Viana. -- Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2009.

40 p. : il. -- (Sala do Artista Popular ; n. 151)

ISSN 1414-3755

Catálogo da exposição realizada no período de 02 de julho a 9 de agosto de 2009.

1. Arte popular – Sergipe. 2. Artesanato em madeira.
3. Artistas populares – Sergipe. I. Lima, Ricardo Gomes e Viana, Sayonara, org. II. Série.

CDU 7.067.26(813.7)

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



Vozes do imaginário: escultores em madeira de Sergipe

RICARDO GOMES LIMA
SAYONARA VIANA

Ao longo dos tempos, o Estado de Sergipe tornou-se solo fértil para o desenvolvimento das mais diversas expressões populares de arte. Barro, madeira, palhas, tecidos e fios são algumas matérias-primas utilizadas por indivíduos que, com elas, criam objetos para uso cotidiano e também aqueles considerados especiais, ricos de conteúdo simbólico, de significado cultural.

A tradição do entalhe e das esculturas em madeira dando forma ao mundo imaginário tem seus primeiros registros em terras sergipanas em talhas, altares e imagens das igrejas construídas ainda no período colonial de nossa história. Em épocas recentes, artistas como Zeus (Jorge Alves Siqueira), Vêio (Cícero Alves dos Santos) e Zé do Chalé (José Cândido dos Santos) são testemunhos da excelência e inesgotável capacidade criativa do fazer popular no estado. A Sala do Artista Popular teve o privilégio de organizar mostras desses indivíduos exponenciais, cujas obras são, ao mesmo tempo, o reflexo de suas motivações subjetivas e a corporeidade de sentimentos coletivos¹.

A lista de artistas da madeira, no entanto, não para por aí. Acreditamos que, como estes, muitos outros existirão, de fato ou em potencial, à espera de oportunidade para que suas vozes se façam ouvir. Nesta oportunidade, a SAP traz ao público do Rio de Janeiro mais seis artistas que tornam perene a escultura em Sergipe. São eles:



Beto Ribeiro: arte como salvação da vida

Humberto Alves Ribeiro nasceu em 17 de junho de 1958, na localidade de Lagoa Funda, município de Aquidabã, no sertão sergipano, onde foi criado junto com seus nove irmãos. Devido ao ofício do pai, delegado de polícia, residiu em sucessivos municípios do estado: Salgado, Indiaroba, Umbaúba, Areia Branca, Ribeirópolis e Aracaju. Ainda criança revelou habilidades para o desenho e seu pai sempre o apoiou colocando-lhe alguns desafios, como nesta passagem que o artista narra:

Certo dia meu pai trouxe para casa uma águia em madeira e disse: Será que você consegue fazer uma peça dessa? Eu então respondi que poderia fazer até melhor, bastava que ele me trouxesse as ferramentas que eu precisava.

E assim ele o fez, talhando o desafio e conseguindo fazer a encomenda.

Cedo aprendeu a fazer seus próprios brinquedos, bonecos em argila e carrinhos em madeira, já que não

tinha dinheiro para comprá-los como outras crianças. As lembranças da infância são então reveladas:

Desenhava com carvão nas paredes da casa e por isso apanhava de minha mãe quase todos os dias, não tinha dinheiro para comprar cadernos e não ficava quieto, era uma época de agonia. Para esconder meus desenhos riscava também embaixo da cama para que ela não descobrisse, e quando ela via era uma pisa.

Quando entrou na adolescência, foi trabalhar em uma fábrica de tijolos, depois em uma fábrica de lajes pré-moldadas, carregando caminhões para entrega. Ao receber seu salário dividia-o em duas partes: uma dava a sua mãe, para ajudar nas despesas domésticas, e com a outra comprava material para seus trabalhos, o que sempre era motivo de briga, pois a mãe “achava que eu estava gastando dinheiro à toa”. Diante das dificuldades, abandonou a arte por 30 anos, só voltando a esculpir em 2003, incentivado por seu filho Kaíque, como saída para uma crise depressiva que se estendeu por meses.

A arte para Beto Ribeiro passa a ser “um alívio para as tensões do dia a dia”, já que atualmente trabalha como agente de segurança penitenciário, e promete não mais se afastar dela, pois a intimidade com a madeira sempre lhe deu prazer, muito embora nunca a sobrevivência.

Ao falar sobre seu processo de trabalho o artista revela:

A imburana é a minha madeira preferida. Por estar muito difícil, estou utilizando a jaqueira de jaca mole, porque a de jaca dura é difícil de trabalhar e é muito vermelha. Quando não encontro madeira, utilizo a pedra calcária.

Como instrumentos de trabalho, se utiliza de um formão, uma marreta de madeira que ele mesmo confeccionou, e algumas facas. A peça é talhada e lixada durante seus dias de folga do trabalho na carceragem, em um barracão coberto que construiu no quintal da casa.

Segundo o artista, com seu trabalho transforma a madeira e a pedra calcária em arte para protestar contra as agressões ao meio ambiente e o desamparo das fa-

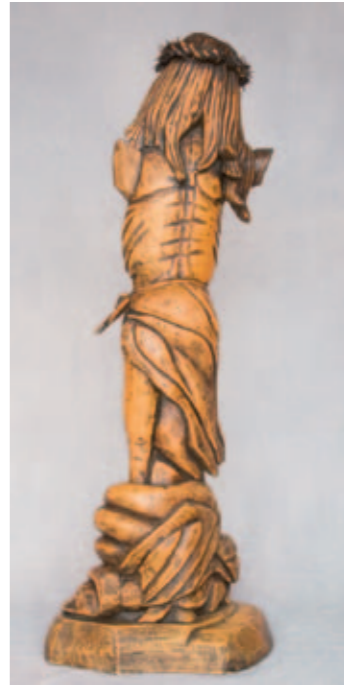
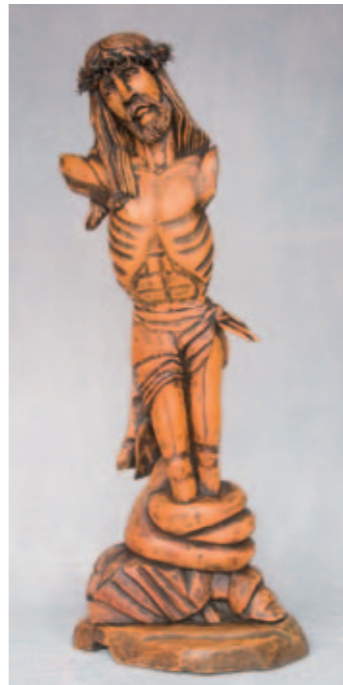


mílias nordestinas que sofrem com a seca, imagens que o perseguem desde criança. Também aborda temáticas ligadas ao universo do sagrado, como as representações de Santa Terezinha, ao mesmo tempo em que exprime o urbano, como na peça *Meninos cheirando cola*. São inspirações da sua vida: “situações que passo, vivenciei e presenciei, hoje eu revelo. Situação da seca, da fome, do Nordeste”. Motivações que surgem advindas de um processo interno. Graças à arte, o artista enfrentou as vicissitudes que a vida lhe reservou:

Hoje, a arte está completando a minha vida, sentia que estava faltando alguma coisa e agora os caminhos estão se abrindo e estou sentindo que nunca mais vou deixar a arte, pois ela é como uma fruta que vai amadurecendo no pé e tudo tem seu tempo. E o meu está chegando...









André T.D.: algo além da forma

André Torres Dias nasceu em São Cristóvão, em 20 de junho de 1979. Quando criança, fazia seus brinquedos com palitos de fósforo, isopor e argila. Aprendeu o ofício de pedreiro com o pai, Francisco Pedro Dias, e juntos construíram a casa onde mora com a mãe, Maria José Santos Torres, que o acompanha e apoia no trabalho que realiza com madeira. Atualmente reside no povoado Aningas, no mesmo município.

André cursou o Ensino Fundamental ao mesmo tempo em que frequentava cursos livres de escultura no Centro de Criatividade Governador João Alves Filho, em Aracaju. Em um desses cursos, conheceu o escultor Pinto Santeiro, de quem se tornou aluno, tendo desde então, conforme o mestre costuma afirmar, revelado talento.

A obra de André, embora personalíssima, está em diálogo direto com o mundo da arte. Em seu quarto, coladas à porta do armário encontram-se reproduções da arte pré-histórica e da arte moderna, imagens que o artista retirou de livros e revistas porque considera “muito bonitas”. Jovem muito silencioso, é também observador, e sobre sua inspiração comenta:

Eu vi em um livro de História que os índios são sobreviventes e os Tupi² moravam aqui em Sergipe. As carrancas também fazem parte da nossa história e as minhas peças têm características minhas e do povo sergipano.

Sobre seu processo de trabalho, o artista afirma:

É muito simples e me dá muito prazer. Várias vezes sou convidado a ir passear e prefiro ficar em casa trabalhando do que sair e me divertir. Acredito ser bem melhor. Corto a madeira e vou esculpindo as figuras. Prefiro trabalhar com peças pequenas e com a casca da cajazeira, que é mais fácil de encontrar e posso fazer o que eu quiser; às vezes uso a jaqueira, a sucupira e o genipapeiro. Procuro sempre criar o que não existe. Eu não mudo o meu jeito. Às vezes as pessoas me aconselham a fazer imagens de santo... eu não gosto. Eu estou em um ritmo e tenho medo de me perder.



André não costuma criar esboços no papel, riscando diretamente na madeira traços muito gerais do que pretende esculpir. A maior parte de suas esculturas tem o perfil definido no momento mesmo do corte, seguindo roteiro que não é ditado a priori. Os instrumentos que emprega são facas e formão, para serviços pesados, goiva, com que faz os olhos e as bocas das figuras, e buril, para entalhar os cabelos.

Como pedreiro autônomo, André não tem emprego fixo, dependendo da oferta intermitente de trabalho. Quando não está empregado em alguma construção, vai para uma mesa embaixo das mangueiras, ao ar livre, no grande terreno que cerca a casa em que mora e, ali, fica esculpindo. Prefere dar acabamento às peças à noite, em seu quarto, lixando e polindo-as com cera de carnaúba.

André confessa ser a figura humana sua temática preferida. Daí o predomínio do antropomorfismo em sua obra, que é definida por ele mesmo como “um mundo desconhecido”. Exuberantes, dramáticas e, por vezes, eróticas, as figuras que esculpe se multiplicam e se comunicam com o mundo de forma singular, dado o seu rigor nos detalhes. Por vezes ainda herméticas e surrealistas, essas peças nos permitem soltar a imagina-

ção. São objetos passíveis de múltiplos entendimentos, solo rico em significados. Como confessa o artista: “para entender a minha arte precisa de um poeta e de um escrivão”. Os seus seres, convivendo no mesmo locus imaginário, e imaginado pelo artista, buscam seus espaços ora alegres, ora tristes, surpresos ou horrorizados, e se espraiam em movimentos que revelam a inquietude e o desprendimento do artista ao criar obras inusitadas em que vemos animalismo, canibalismo, sedução e fertilidade.

O erotismo presente na obra de André T.D. se expressa em seres antrozoomórficos que se unem e se interligam se transformando em um todo orgânico, visceral, ou que, ao se unirem, perdem parte dos seus corpos ao mesmo tempo em que se prolongam em movimentos intermináveis. Suas cascatas de gente exibem um apelo antropofágico cuja origem se prende às histórias que ouvia sobre os índios e outros grupos que, no passado, habitaram as terras de Sergipe. Vem também do passado longínquo a imagem forte das carrancas assustadoras que a memória coletiva guardou e que o artista, retratando de maneira inovadora, eterniza.

Liliu: arte e farpas

Ademilson Marcos dos Santos nasceu em 22 de abril de 1980, no povoado Midição, município de Nossa Senhora das Dores, no agreste sergipano. Filho de José Marcos dos Santos e Maria Jailde dos Santos, Liliu foi criado junto com sete irmãos naquela localidade. Aos 14 anos se aproximou do domínio da arte e, inspirado em um filme que assistiu na televisão, deu início ao trabalho de escultura em madeira.

O nome do filme era O gigante da montanha. Era a história de um gigante que teve os seus pais mortos por um urso. O gigante, então, faz a escultura do urso e de duas crianças, que se tornaram seus amigos. A partir desse filme despertou em mim o interesse por esculpir. Cortei uma galha de cajueiro e fiz um homem inteiriçado. Era simples, muito simples.

Além de escultor, o artista também é trabalhador rural e cultiva a terra, em especial no período em que “Deus ajuda”, pois “na época das chuvas é mais fácil arranjar serviço”. Quando não está na roça, Liliu vai



para o local de trabalho com madeira, uma espécie de oficina numa construção contígua à casa em que mora.

No desenvolvimento do trabalho artístico, Liliu tem preferência por madeiras como o cedro e a umburana e

por pedra calcária, material pouco usual na arte popular brasileira, mas que em Sergipe encontra expoentes como Zeus e Beto Ribeiro. Autodidata, produz suas obras tendo na compreensão da realidade e na pulsão em descrevê-la a motivação primeira que imprime ritmo ao processo de criação.

Corto o excesso, não uso a parte branca da madeira. Primeiro faço a base embaixo e o desenho já está na mente, gosto de retratar as mazelas e o sofrimento das pessoas. As pessoas dizem que eu sou crítico.

Mazelas e sofrimentos que compõem a vida do homem do sertão sergipano, que também é a vida do artista. Na arte, ressentir-se, a situação não é diferente, pois percebe a falta de apoio e a indiferença de autoridades cuja competência poderia transformar a realidade injusta.

O político que pede voto é um lobo disfarçado de cordeiro, que depois esquece suas promessas e constrói seus projetos em cima da miséria dos outros, e assim eles conseguem ser eleitos e reeleitos.



O artista trabalha com temáticas diversas – figuras humanas, santos e animais –, e, por meio da obra que realiza, revela sua sergipanidade, tão próxima do seu imaginário e não tão distante do seu cotidiano. Graças às artes do saber-fazer, Liliu inventa seu cotidiano. Parafraçando Michel de Certeau (1994), o artista cria uma tática de resistência e se apropria do seu espaço usando-o à sua maneira, com suas antigas percepções. E é com as obras que dá voz ao imaginário, preferindo esculpir a falar, pois “faltam palavras, minhas palavras são como farpas na íris dos olhos, e o meu silêncio já conta muito”.





Pinto Santeiro: o universo religioso

Pinto Santeiro nasceu Antônio Tavares dos Santos, no povoado Cruz Grande, município de Aquidabã. Aos 14 anos, em busca de oportunidade de estudar, mudou-se para a cidade de Propriá, às margens do rio São Francisco. Recorda que na infância já gostava de desenhar:

Comecei riscando calçadas e meus cadernos de estudo. Muitas vezes fui chamado atenção pela professora primária por riscar com desenhos páginas de livros e cadernos meus. Uma vez, apanhei de régua por ter pintado o desenho de uma vaca de verde.

Formado em Estudos Sociais pela Faculdade de Penedo, em Alagoas, e pós-graduado em Administração Escolar, Pinto Santeiro atualmente é professor de Geografia e da disciplina Sociedade e Cultura na rede pública estadual. Já ensinou também sua arte em cursos temporários realizados no Centro de Criatividade Governador João Alves Filho, em Aracaju, onde teve como aluno André T.D., a quem elogia, reconhecendo ter contribuído para aprimorar a técnica do jovem



artista, já que “não se faz artista, a arte nasce com a pessoa e é desenvolvida”.

Artista muito conhecido e consagrado na cidade de Aracaju, Pinto Santeiro já realizou várias exposições individuais e coletivas e possui obras expostas no espaço permanente do Centro de Cultura e Arte do Governo de Sergipe.

Para criar suas peças, o artista compra a madeira de terceiros. Inicialmente, faz um esboço no próprio bloco de madeira para, em seguida, talhar e dar acabamento às peças. Para tanto, utiliza formão, goiva, buril e lixa.

A maioria de suas obras permeia o universo religioso. São imagens de santos e oratórios que atendem à demanda popular. Nelas se percebe que o barroco é importante fonte de inspiração do artista. As imagens criadas assumem atitudes e expressões regionais distantes do convencionalismo, por força do extraordinário processo criador do artista, impregnado de simbolismos.

As minhas peças são temas conhecidos popularmente e recebo inspiração na minha religião. De vez em quando, eu faço obras diferentes, com outros temas. Mas, nas peças, o meu forte são as imagens sacras, por motivo comercial.

Em Pinto Santeiro, a concepção de arte, de certo modo, está associada à ideia do belo, no sentido de perfeição, quando afirma que a arte vai além da apreciação: “a beleza é coisa que comove o espírito da pessoa pela ordem das cores, da forma e do movimento.”



Mestre Tonho: sonhar é preciso

Em pleno sertão sergipano, a 184km de Aracaju, localiza-se Poço Redondo. Ali, onde construiu uma trajetória de vida marcante, Antonio Francisco da Silva reside com a família. Mestre Tonho, como é mais conhecido, nasceu em Maceió, em 1959, e quando tinha três meses de idade sua família se mudou para Sergipe. Como muitos sertanejos, passou por várias fases afitivas antes de se tornar artesão. Por seis anos trabalhou numa fazenda chamada Faveleira, onde criou quatro filhos e da qual tem preciosas lembranças:

Há trinta anos aqui em Poço Redondo não existia televisão, ninguém sabia o que era escultura em madeira. Isso aqui não existia. Só se fosse lá pras bandas de Brasília, Rio... Então eu fui trabalhar em outro lugar. Fui trabalhar numa fazenda do subgerente do banco chamada Faveleira, de junto a Jacaré, na margem do rio, ribeirinhos ali. E lá eu convivi por seis anos, meus filhos viviam tudo de barriguinha cheia, tudo gordinho. Tinha o queijo, o leite e eles pensavam que aquilo tudo era meu. Certo dia o



fazendeiro falou: Olhe, Tonho, já está com seis anos que você está aqui, então você já está tendo direito aqui na fazenda e eu quero que você vá embora.

Mestre Tonho então foi obrigado a sair da fazenda e reivindicou uma casa para morar com os filhos como pagamento pelos anos trabalhados. Ao chegar em Poço Redondo conseguiu trabalho na fazenda de um político e, entre 1988 e 1989, recebia “dois contos”³ por semana, que nem duravam até a quinta-feira.

Após esse período, transferiu-se para outra fazenda, acreditando ter ali melhores condições de vida. Todos os dias caminhava três léguas para chegar ao trabalho, saía de casa às três horas da manhã e chegava às oito horas da noite. Além disso, trabalhava com a chibanca – instrumento que lembra um machado utilizado para arrancar árvores e destocar terrenos, removendo troncos e tocos secos que ficam enraizados no solo –, as pernas ficavam sem aguentar. Esse trabalho árduo era feito por empreitada e Mestre Tonho ganhava tão pouco que não conseguia comprar o mínimo do sustento para a família, tendo visto, em várias ocasiões, os filhos adormecerem com fome. Emocionado, relata essa fase da vida:

Quando eu cheguei na cidade tudo era diferente, não tinha o leite, o ovo, o queijo; então eu passei fome e muita fome. Certo dia cheguei do trabalho e pedi à mulher para colocar a comida, ela falou que não tinha nada e que os filhos já tinham chorado bastante de fome e terminaram dormindo. Ai eu pedi para ela ir na casa da vizinha pegar um pouco de farinha. Ela arranhou uma base de meio litro de farinha numa bolsinha de papel e falou que, se a gente comesse, não teria no dia seguinte para os filhos e nem para eu levar para o trabalho. No outro dia, ela dividiu a farinha e eu coloquei a minha no bolso para levar para o trabalho.

Chegando lá, Mestre Tonho não conseguiu trabalhar, pois estava passando mal. Sem forças para levantar a chibanca e arrancar os troncos, foi descansar embaixo de um umbuzeiro pensando em misturar o umbu com a farinha que levava e se alimentar para não perder o dia de serviço. Ali sob a árvore fez uma oração fervorosa, quando, então, lhe ocorreu o sonho que revela a seguir:

Quando foi na base de umas onze horas eu parei. Já não estava mais aguentando, a vista escurecendo, e fui para o umbuzeiro. Lembrei então que em casa não tinha nem a água do umbu pra meus filhos comer. Ai veio o desespero, já vinha sofrendo bastante, aí, pronto, descarreguei a chorar debaixo do umbuzeiro. Ai veio em mim as palavras: ‘O Senhor, que é o Todo Poderoso, que aceitou eu nascer num mundo tão rico e tão maravilhoso, por que agora vai aceitar que eu morra de fome com meus filhos? Vós sabe que eu não mereço isso. Eu queria um meio de sobreviver para não passar fome, não deixe eu passar tanta fome assim.’ Quando eu falei essas palavras, dentro de cinco minutos parecia que tudo era beleza, parecia que eu não estava com fome, parecia que eu não estava naquele lugar e que meus pés não estavam no chão. Uma coisa que eu nunca vi. Ai na minha frente tinha um tronco que para mim era um pássaro, e a minha vontade era pegar o facão e começar a cortar. Aquilo me levou até o tronco e eu comecei a cortar. Eu sentia que alguém manobrava a minha mão, porque eu não sabia fazer aquilo. Ai

eu cortei, peguei o tronco e trouxe aqui pra casa, aí comecei a trabalhar em casa. Quanto mais eu trabalhava, mais parecia um carcará. Como não tinha lixa, peguei uma garrafa e quebrei para pegar o vidro, comecei a raspar e a polir. Ai tava pronto. Encontrei o pássaro.



Nasce nesse momento o Mestre Tonho, escultor sergipano que pelo “milagre da umburana” começou a melhorar sua vida. A madeira por ele utilizada é a umburana de cambão, em que trabalha com o auxílio de formão, marreta de madeira, lixa, serrote e faquinha.

Sua primeira escultura foi vendida ao antigo patrão, que lhe pagou seis contos pela peça, o que equivalia a três semanas de trabalho. A partir daí aprimorou sua arte, passando a receber encomendas da comunidade e da igreja, para a qual fez a imagem de Jesus crucificado.

Mestre Tonho trabalha há mais de 20 anos com esculturas, tendo exposto em vários locais do país: Brasília, Recife, Ouro Preto, São Paulo e João Pessoa.

Sua temática está ligada ao cangaço, ao sertão e ao universo sagrado. Suas esculturas preferidas são as de Maria Bonita e Lampião. Para ele, “Lampião é um herói, um justiceiro. Eu não deixo Lampião morrer na memória do povo”. Até porque, mesmo passados 70 anos⁴ de sua morte, Lampião continua presente na memória coletiva da comunidade de Poço Redondo. Anualmente, a cada 26 de julho, é celebrada a Missa do Cangaço na Gruta do Angico. Para o evento, Mestre Tonho prepara várias esculturas relativas ao tema para vender às pessoas que se dirigem ao local.

Identificado com aqueles que, como ele, têm no artesanato uma forma de expressão e de sobrevivência – são cerca de 500 artesãos no município –, declara: “fui responsável pelo pedido para o ministro Gilberto Gil ajudar a montar um centro de artesanato em Poço Redondo, e hoje ele funciona na rodovia estadual, próximo da ponte de Jacaré.”





Zé do Chalé Filho: a memória na arte

Zacarias dos Santos, filho de José Cândido dos Santos e Donata Tavassos dos Santos, nasceu em 6 de outubro de 1952, na Caiçara, terra dos índios Xocó, no município de Porto da Folha, sertão sergipano. Quando completou um ano de idade, passou pela mesma história já vivida por seus ancestrais, a luta pela posse da terra: sua família foi expulsa da terra que ocupava e que fora vendida a particulares. O grupo transferiu-se então para a Ilha de Madalena, no rio São Francisco, e, a seguir, sucessivamente, para outras cidades ribeirinhas, como Saúde (município de Neópolis), Limoeiro, Vila de Santana e Penedo. Finalmente, em 1958, seu pai, o escultor Zé do Chalé, traz a família para morar em Aracaju. Entretanto, todos os anos ele voltava à ilha para rever os amigos e familiares que lá ficaram, mantendo vivos os laços que os uniam à sua etnia.

Ao lembrar a infância, Zacarias recorda os brinquedos inusitados que criava: “Eu fazia um cercado de palitos e pegava manga verde para fazer os bois, as vacas, e assim fazia uma brincadeira. Lembro também de fazer cavalos de palha de ouricuri.”



Por conta de sua habilidade com a bola, dado que sempre gostou de jogar futebol, tendo garantida a posição de meia-esquerda, foi reverenciado por um amigo cordelista, Patinhas⁵, com versos da literatura de cordel:

No bairro do poeta Patinhas

*Os times eram a alegria: Uberaba, Suissa,
Riachuelo, Guarani, América e Grêmio ali competia
E o povo aplaudindo a marcação de Zacarias.*

Na vida profissional, Zacarias trabalhou como pintor de paredes, auxiliar de escritório, técnico de refrigeração e caricaturista. Quando seu pai, aos 103 anos, decidiu não querer mais trabalhar com madeira, ele o incentivou a não parar. Para isso, tornou-se seu ajudante, dando acabamento às peças que o pai esculpia e que, em decorrência da pouca visão pela idade avançada, já não mais finalizava com o esmero que sempre caracterizou o que criava. “Meu filho são os meus olhos”, assim referia-se a ele Zé do Chalé, na fase final de sua vida, prosseguindo com as esculturas graças ao auxílio de Zacarias, barbeiro de profissão,

que, a princípio, sequer imaginava ter jeito para o ofício.

Após a morte do pai, Zacarias passou a assinar Zé do Chalé Filho, uma forma direta de manter o vínculo com aquele que foi a origem de seu trabalho, e recorda a primeira peça que fez:

Comecei em 2004. Era um troféu com um índio no topo jogando bola, em homenagem à seleção brasileira. Fiz alguns detalhes na base. E fui muito incentivado pelo pessoal do Museu de Folclore, lá do Rio de Janeiro, na ocasião da exposição do meu pai⁶.

Os instrumentos de trabalho, que descreve como rústicos, resultam de adaptações feitas pelo próprio artista. São facas que transformou em formões adaptando-as ao corte necessário. Utiliza também serrinhas e furões, tendo herdado do pai alguns desses instrumentos.

As madeiras mais utilizadas pelo artista são maçaranduba, cedro, angelim, genipapeiro e jaqueira. Também faz a reutilização de madeira de demolição: “Às vezes, eu passo nas ruas e as pessoas sacodem pedaços de madeira, eu pego e trago.”

Autodidata, as peças que produz guardam profunda identidade com a obra do pai. Obras repletas de simbolismos, por meio dos quais a voz do imaginário cria totens enigmáticos.

Sobre o processo criativo, ele revela:

Por incrível que pareça, deve estar no sangue, porque eu não tenho nada programado, eu simplesmente pego a peça e imagino um detalhe e desse detalhe vai fluindo tudo. Às vezes a memória fecha um pouquinho, mas eu me concentro e faço como papai fazia: olho pro telhado e, de repente, aparecem os detalhes.

Atualmente, tem sua barbearia na casa da irmã Fátima. Neste mesmo local também talha as peças. Coloca um banco na porta da casa e, enquanto os clientes não chegam, vai dando forma às obras.

Construindo um mundo em que a memória do pai é o grande mote para a arte de tradição, o artista ensina

que “arte é vida, é preservar a memória, é preencher o vazio que ele deixou, é história, é um marco que a gente deixa para os filhos”. Preservando esse passado,



Zacarias dá forma às suas memórias e revela de maneira marcante elementos de seu imaginário.

Referências bibliográficas

- CHIARADIA, Filomena (Org.). **Zeus**: do lírico ao sensual: atos de criação em madeira e pedra. Rio de Janeiro: Funarte, Coordenação de Folclore e Cultura Popular, 1997. (Sala do Artista Popular, 69)
- DANTAS, Beatriz Góis. Os índios em Sergipe. *In*: DINIZ, Diana Maria do Faro Leal (Coord.). **Textos para história de Sergipe**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe: Banco do Estado de Sergipe, 1991. p. 19-60.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FERREIRA, Vera. Antonio Amaury. **De Virgulino a Lampião**. São Paulo: Idéia Visual, 1999.
- RAFAEL, Ulisses Neves. **Nação lascada**: arte e metáfora de Véio. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2006. (Sala do Artista Popular, 129)
- _____ (Org.). **Zé do Chalé**: o antigo dono da flecha. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2007. (Sala do Artista Popular, 139)
- SANTOS, Fabrícia de Oliveira. **Catálogo de artesãos de Poço Redondo**. Aracaju: Instituto Xingó, Unidade de Projeto Arqueologia e Patrimônio Histórico, 2001. (Cadernos do Cendop, 2)

Entrevistas concedidas pelos artistas a Sayonara Viana Silva* no período de 10/11/2008 a 30/04/2009.

*Bacharel em Ciências Econômicas e licenciada em História pela Universidade Tiradentes; pós-graduada em Educação e Patrimônio Cultural de Sergipe pela Faculdade Atlântico; e estudante de Museologia da Universidade Federal de Sergipe.

NOTAS

- 1 A esse respeito, ver: Chiaradia, 1997; Rafael, 2006; Rafael, 2007.
- 2 Sobre os Tupinambá em Sergipe, ver Dantas, 1991.
- 3 Expressão usada pelo artista para se referir à moeda da época.
- 4 Sobre Lampião, ver Ferreira, 1999.
- 5 João Batista Araújo Santos, autor de obras de literatura de cordel que reside em Aracaju.
- 6 Zé do Chalé expôs na Sala do Artista Popular no período de 22/11/2007 a 06/01/2008. Ver catálogo SAP 139.

CONTATOS

Sala do Artista Popular | CNFCP

Rua do Catete, 179 (metrô Catete)
Rio de Janeiro | RJ cep 22220-000
tel (21) 2285.0441 | 2285.0891
fax (21) 2205.0090

mercado.folclore@iphan.gov.br

COMERCIALIZAÇÃO

Secretaria de Estado do Trabalho, da Juventude e da Promoção da Igualdade Social

Programa Estadual do Artesanato Sergipiano
Rua Riachuelo, 726
Aracaju | SE cep 49015-160
tel (79) 3198.0526 | 3198.0527
Marco Antonio Martins Lima



realização





RIO DE JANEIRO | 2 JULHO A 9 AGOSTO | 2009
MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E
CULTURA POPULAR | MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO